

DAVID MITCHELL

Os mil outonos de Jacob de Zoet

Tradução
Daniel Galera



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by David Mitchell
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Thousand Autumns of Jacob de Zoet

Capa

Joe Wilson

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Carmen T. S. Costa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mitchell, David

Os mil outonos de Jacob de Zoet / David Mitchell ; tradução Daniel Galera. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Thousand Autumns of Jacob de Zoet.
ISBN 978-85-359-2538-8

1. Ficção inglesa I. Título.

14-13286

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I. A NOIVA PARA QUEM DANÇAMOS
Décimo primeiro ano da era Kansei

1799

I. Casa de Kawasemi, a concubina, no alto de Nagasaki *Nona noite do quinto mês*

“Srta. Kawasemi?” Orito se ajoelha em cima de um futon grudento e malcheiroso. “Consegue me ouvir?”

Uma cacofonia de rãs irrompe no arrozal que fica do outro lado do jardim.

Orito passa um pano úmido no rosto suado da concubina.

“Faz horas e horas” — a empregada segura a lamparina — “que ela mal consegue falar...”

“Srta. Kawasemi, meu nome é Aibagawa. Sou parteira. Quero ajudar.”

Os olhos de Kawasemi tremulam e abrem. Ela consegue dar um suspiro fraco. Os olhos fecham.

Está exausta, Orito pensa, até mesmo para ter medo de morrer esta noite.

Dr. Maeno sussurra de trás das cortinas de musselina. “Queria ter examinado pessoalmente a posição do bebê, mas...” O velho acadêmico escolhe as palavras com cuidado. “Mas parece que é proibido.”

“Minhas ordens são claras”, diz o camareiro. “Nenhum homem pode tocar nela.”

Orito levanta o lençol ensanguentado e vê, como já tinham lhe prevenido, o braço frouxo do feto projetado até o ombro para fora da vagina de Kawasemi.

“Você já tinha visto essa apresentação?”, dr. Maeno pergunta.

“Sim, numa gravura do texto holandês que meu pai estava traduzindo.”

“É o que eu estava rezando para ouvir! As *Observações* de William Smellie?”

“Sim. Dr. Smellie chama de” — Orito usa o holandês — “prolapso do braço’.”

Orito segura o pulso coberto de muco do feto para conferir se há batimento.

Maeno pergunta em holandês: “Qual é sua opinião?”.

Não há batimento. “O bebê está morto”, Orito responde no mesmo idioma, “e a mãe morrerá em breve se não for retirado.” Ela põe os dedos na barriga distendida de Kawasemi e apalpa a protuberância em torno do umbigo invertido. “Era um menino.” Ajoelha entre as pernas afastadas de Kawasemi, reparando na pelve estreita, e cheira os lábios dilatados: identifica a mistura maltosa de sangue coagulado e excremento, mas não o fedor de um feto apodrecido. “Ele morreu uma ou duas horas atrás.” Para a empregada, Orito pergunta: “Quando a bolsa estourou?”.

A mulher continua muda com o espanto provocado pela língua estrangeira.

“Ontem de manhã, durante a Hora do Dragão”, diz a voz pétrea da governanta. “Nossa dama entrou em trabalho de parto logo em seguida.”

“E quando foi a última vez que o bebê chutou?”

“O último chute deve ter acontecido por volta do meio-dia de hoje.”

“Dr. Maeno, você concorda que a criança deve estar” — ela usa o termo em holandês — “na posição transversal sentada?”

“Talvez” — o médico também recorre ao idioma-código — “mas sem um exame...”

“O bebê está pelo menos vinte dias atrasado. Devia ter sido virado.”

“O bebê está descansando”, a empregada assegura à patroa. “Não é mesmo, dr. Maeno?”

“O que você está dizendo...”, o médico, sincero, hesita, “... pode muito bem ser verdade.”

“Meu pai me contou”, diz Orito, “que dr. Uragami estava supervisionando o parto.”

“Sim, estava”, resmunga Maeno, “do conforto de seu consultório. Desde

que o bebê parou de chutar, Uragami determinou que, por razões geomânticas evidentes aos homens do seu gênio, o espírito da criança reluta em nascer. Daí em diante, o nascimento depende da força de vontade da mãe.” *Aquele patife*, Maeno nem precisa acrescentar, *não ousa macular sua reputação presidindo o parto do filho natimorto de um homem tão respeitado*. “Com isso, o camareiro Tomine persuadiu o magistrado a me chamar. Ao ver o braço, lembrei-me do seu médico da Escócia e solicitei sua ajuda.”

“Meu pai e eu nos sentimos profundamente honrados pela sua confiança”, diz Orito...

... e maldito seja Uragami, ela pensa, *por sua relutância letal em pôr seu prestígio em risco*.

As rãs param de coaxar abruptamente e agora, como se tivesse caído uma cortina de ruído, é possível ouvir Nagasaki celebrando a chegada de mais um navio holandês em segurança.

“Se a criança está morta”, Maeno diz em holandês, “precisamos removê-la agora mesmo.”

“Concordo.” Orito pede água quente e panos limpos à governanta e destampa uma garrafa de sais de Leiden embaixo do nariz da concubina para lhe extrair alguns instantes de lucidez. “Srta. Kawasemi, vamos dar à luz seu bebê nos próximos minutos. Antes disso, permite que eu a apalpe por dentro?”

A concubina sofre outra contração e perde a capacidade de responder.

A água quente é trazida em dois tachos de cobre enquanto as dores vão se acalmando. “Devemos confessar”, dr. Maeno propõe a Orito em holandês, “que o bebê está morto. Depois amputar o braço para extrair o corpo.”

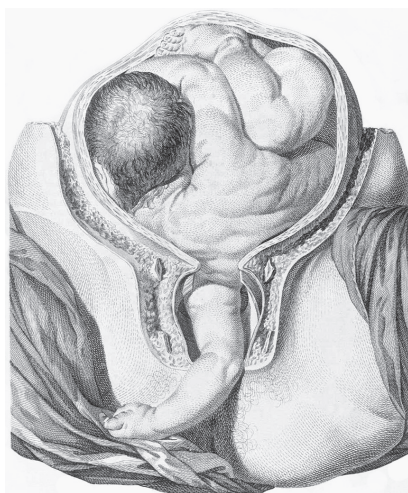
“Primeiro, quero inserir a mão para saber se o corpo está deitado em posição convexa ou côncava.”

“Se consegue descobrir isso sem cortar o braço” — Maeno quer dizer “amputar” — “então vá em frente.”

Orito lubrifica a mão direita com óleo de canola e diz à empregada: “Enrole um pedaço de pano numa faixa grossa... isso, assim. Fique pronta para enfiá-la entre os dentes da sua patroa, senão ela poderá arrancar a própria língua com eles. Deixe espaço nos lados para que ela possa respirar. Dr. Maeno, meu exame vai começar”.

“Você é meus olhos e ouvidos, srta. Aibagawa”, diz o médico.

Orito abre caminho com os dedos entre o bíceps do feto e os lábios vaginais dilacerados da mãe até estar com o pulso dentro da vagina dela. A concubina geme e estremece. “Desculpe”, diz Orito, “desculpe...” Enquanto seus dedos escorregam entre membranas quentes e pele e músculos ainda encharcados de fluido amniótico, a parteira visualiza uma gravura daquele reino iluminado e bárbaro, a Europa...



Se a apresentação transversa for convexa, Orito recorda, com a coluna vertebral do feto tão severamente dobrada para trás que sua cabeça aparece entre as canelas, como a de um acrobata chinês, preciso amputar o braço do feto, desmembrar seu corpo com um fórceps serrilhado e extrair os tenebrosos pedaços, um a um. Dr. Smellie alerta que qualquer resquício deixado no útero pode apodrecer e matar a mãe. Porém, se a apresentação transversa for côncava, Orito leu, com os joelhos do feto apertados contra o peito, posso serar o braço, girar o feto, prender ganchos em suas órbitas e extrair o corpo inteiro com a cabeça para baixo. O dedo indicador da parteira localiza a coluna vertebral nodosa do bebê, tateia o diafragma entre a costela inferior e a bacia e encontra uma orelha diminuta; uma narina; uma boca; o cordão umbilical; e um pênis do tamanho de um pequeno camarão. “A posição é côncava”, Orito informa ao dr. Maeno, “mas o cordão está enrolado no pescoço.”

“Acha que o cordão pode ser desenrolado?” Maeno esquece de falar em holandês.

“Bem, preciso tentar. Enfie o pano”, Orito diz à empregada, “agora, por favor.”

Assim que a faixa de tecido é colocada entre os dentes de Kawasemi, Orito empurra a mão mais fundo, engancha o polegar no cordão umbilical, crava os quatro dedos embaixo da mandíbula do feto, empurra a cabeça para trás e faz o cordão deslizar por cima do rosto, da testa e do topo da cabeça. Kawasemi berra e urina quente escorre pelo antebraço de Orito, mas o procedimento funciona de primeira: o laço foi desfeito. Ela retira a mão e informa: “O cordão está solto. Doutor, você trouxe seu...” — não existe termo japonês — “... fórceps?”.

“Sim.” Maeno dá batidinhas na maleta médica. “Por precaução.”

“Podemos tentar retirar a criança” — ela troca pro holandês — “sem amputar o braço. Menos sangue é sempre melhor. Mas preciso da sua ajuda.”

Dr. Maeno se dirige ao camareiro: “Para ajudar a salvar a vida da srta. Kawasemi, *preciso* desconsiderar as ordens do magistrado e me juntar à parteira do outro lado da cortina”.

O camareiro Tomine se vê num dilema perigoso.

“Você pode me culpar”, sugere Maeno, “por desobedecer o magistrado.”

“A escolha é minha”, decide o camareiro. “Faça o que for necessário, doutor.”

O velhinho ágil passa por baixo da musselina com suas tenazes arqueadas.

A empregada grita de pavor ao ver o exótico instrumento.

“Fórceps”, diz o doutor, sem dar mais explicações.

A governanta ergue a musselina para espiar. “Não, a aparência *disso* não me agrada nem um pouco! Estrangeiros podem cortar e fatiar e chamar isso de ‘medicina’, mas é inconcebível que...”

“Por acaso *eu* fico dizendo à governanta”, Maeno rosna, “onde ela deve comprar peixe?”

“O fórceps”, Orito explica, “não corta — ele gira e puxa, como os dedos de uma parteira, mas com mais força...” Ela recorre de novo aos saís de Leiden. “Srta. Kawasemi, vou usar este instrumento”, diz, erguendo o fórceps, “para retirar seu bebê. Não tenha medo e não resista. Os europeus usam com

frequência — até mesmo nas princesas e rainhas. Puxaremos seu bebê para fora, com cuidado e firmeza.”

“Faça isso...” A voz de Kawasemi é um estertor asfixiado. “Faça isso...”

“Obrigado. E quando eu pedir à srta. Kawasemi para *empurrar*...”

“Empurrar...” Ela está exausta quase a ponto de não se importar com nada. “Empurrar...”

“Quantas vezes”, Tomine dá uma espiada, “você já usou esse instrumento?”

Orito repara pela primeira vez no nariz esmagado do camareiro; é uma desfiguração tão gritante quanto a dela própria. “Muitas vezes, e nenhum paciente jamais sofreu.” Somente Maeno e sua aluna sabem que esses “pacientes” eram melões cujos bebês não passavam de cabaças azeitadas. Pela última vez, se tudo der certo, ela examina dentro do útero de Kawasemi com a mão. Seus dedos encontram o pescoço do feto; giram a cabeça em direção ao colo do útero, escorregam, voltam a se ajustar ao cadáver difícil de manejar, dessa vez com mais firmeza, e o giram pela terceira vez. “Agora, doutor, por favor.”

Maeno introduz o fórceps até o fulcro em torno do braço exposto.

Os espectadores perdem o fôlego; Kawasemi solta um grito áspero.

Orito sente as lâminas curvas do fórceps na palma da mão: ela as ajeita ao redor do crânio macio do feto. “Feche.”

Com cuidado e firmeza, o médico aperta o fórceps até fechá-lo.

Orito segura os cabos do fórceps com a mão esquerda: a consistência é esponjosa porém firme, como gelatina de konyaku. A mão direita, ainda dentro do útero, se encaixa no crânio do feto.

Os dedos ossudos do dr. Maeno seguram o pulso de Orito.

“Mas o que você está esperando?”, pergunta a governanta.

“A próxima contração”, diz o doutor, “que deve acontecer a qualquer...”

A respiração de Kawasemi começa a inchar de dor.

“Um, dois”, Orito conta, “e — *empurre*, Kawasemi-san!”

“Força, patroa!”, encorajam a empregada e a governanta.

Dr. Maeno puxa o fórceps; com a mão direita, Orito empurra a cabeça do feto em direção ao canal do parto. Ela manda a empregada segurar o braço do feto e puxar. Orito sente a resistência aumentar quando a cabeça alcança o canal do parto. “Um, dois... *agora!*” A cabeça empapada do cadáver pequenino desponta, achatando as glândulas clitorianas.

“Ele está saindo!”, a empregada arfa em meio aos urros animalescos de Kawasemi.

Sai o couro cabeludo do bebê; o rosto marmorizado de muco...

... sai o restante de seu corpo escorregadio, viscoso e sem vida.

“Ah, mas — ah”, diz a empregada. “Ah. Ah. Ah...”

Os soluços agudos de Kawasemi vão se reduzindo a gemidos até esmorecer.

Ela sabe. Orito põe de lado o fórceps, ergue o bebê inerte pelos tornozelos e lhe dá palmadas. Não espera realizar um milagre: age por disciplina e treino. Depois de dez palmadas fortes, ela para. O bebê não tem pulso. Ela não sente no rosto nenhum ar saindo de seus lábios e narinas. Não há necessidade de anunciar o óbvio. Depois de atá-lo perto do umbigo, ela corta o cordão cartilaginoso com sua faca, banha o menino morto num tacho de cobre cheio d’água e o coloca no berço. *Um berço servindo de caixão*, ela pensa, *e um cueiro servindo de mortalha.*

O camareiro Tomine dá instruções a um servo lá fora. “Informe a Vossa Excelência que o filho é natimorto. Dr. Maeno e sua parteira fizeram todo o possível, mas não puderam alterar o que o Destino já havia decretado.”

O que preocupa Orito agora é a febre puerperal. É preciso remover a placenta; aplicar yakumusô no períneo; e estancar o sangue de uma fissura anal.

Dr. Maeno se retira da tenda armada com a cortina para dar espaço à parteira.

Uma mariposa do tamanho de um pássaro entra e voa no rosto de Orito.

Ao espantá-la, ela derruba o fórceps de cima de um dos tachos de cobre.

O instrumento bate na tampa de outro tacho; o ruído estridente assusta um pequeno animal que de alguma forma conseguiu entrar no quarto; ele geme e choraminga.

Um cachorrinho?, Orito se pergunta, espavorida. *Ou um gatinho?*

O animal misterioso chora de novo, e bem perto: embaixo do futon?

“Espanta esse bicho!”, a governanta ordena à empregada. “Espanta!”

O animal choraminga de novo; e Orito percebe que o som vem do berço.

Não pode ser, a parteira pensa, se recusando a nutrir esperanças. *Não pode ser...*

Ela puxa o lençol no instante em que a boca do bebê se abre.

Ele inspira uma; duas; três vezes; seu rosto enrugado se contrai...
... e o déspota recém-nascido, trêmulo, rosado como algo fervido, berra
para a Vida.